

Limite, um mundo sem Deus

Ney Costa Santos

Não importa quantas vezes tenhamos visto *Limite*, ou se o assistimos pela primeira vez, reconhecemos sempre que suas imagens causam impacto e provocam uma indefinida sensação de incômodo. Há algo nele que nos constrange e consterna, somos sempre tocados pela sua radicalidade fílmica e devastadora beleza.

Ver *Limite* é viver uma experiência de angústia. Não há neste filme trágico uma história em que o desenvolvimento de situações causais conduza o espectador à compreensão da trajetória dos personagens. Ele mesmo, o espectador, é levado por seus olhos, por seus sentidos, a vivenciar a experiência de angústia que se dá ao compartilhar as imagens de *Limite*. O filme se organiza de forma poética, de maneira oposta aos modos discursivos que a partir de Griffith passaram a orientar as narrativas cinematográficas. *Limite* leva o espectador à apreensão da totalidade do filme, tanto à percepção de seu próprio limite como expressão – aquela do requinte de elaboração formal de linguagem dos anos finais do período silencioso – quanto ao da experiência existencial dos personagens.

Aquilo que Miguel de Unamuno chamava de “o sentimento trágico da existência”, ou seja, a humana fome de imortalidade, o desejo pungente de não perecer total e completamente, a dilacerante consciência da inevitabilidade da morte e da impossibilidade da Razão conduzir à compreensão e experiência de Deus, em *Limite* não mais existe. Os personagens parecem ter abdicado dessa fome e dessa sede. Aceitam a derrota cósmica sem esboçar um gesto sequer de luta ou revolta. Náufragos sem possibilidade de resgate, contemplan o horizonte, o mar que se agita, entregues ao desalento e à desesperança, sabedores de que todos os gestos são

inúteis. Três naufragos derrotados no barco da existência. Desde as primeiras sequências sabemos qual será o desfecho do filme, mas isso não importa. *Limite* parece querer, durante todo o seu transcorrer, demarcar as linhas definitivas do horizonte da existência humana, a consciência da finitude em um universo infinito. Somos então capturados pela intensa angústia que perpassa o filme, pela pungente beleza de suas imagens e temos com ele, vivemos com ele, a experiência dos personagens. Os nossos cabelos também estão em desalinho, o mesmo vento sopra em nós.

Em direção inversa àquela traçada por Unamuno, os personagens de *Limite* em nenhum momento do filme cogitam a existência de Deus e a possibilidade de sua ajuda. Em nenhum momento de suas vidas buscaram a sua face. Agora, naufragos sem remissão, não rogam por força, coragem ou compreensão. Há um silêncio dilacerante no filme e de Deus não se procuram os sinais. De Deus, há o silêncio.

Mais que um filme sobre os limites da existência humana e sua consequente derrota na tentativa de rompê-los e saciar a humana fome de eternidade, *Limite* é um filme sobre um mundo sem Deus. Nem os personagens buscam – há talvez centelhas fugazes de alguma intenção – nem mesmo Deus parece se importar com eles.

Talvez nunca tenha sido tão explícita no cinema a visualização da expressão heideggeriana do “ser- para a- morte”. Aceitando de *Limite* aquilo a que nossos olhos são conduzidos, sem que sejamos tomados por delírios ou furores hermenêuticos, percebe-se na experiência de assistir a esse filme aristocrático a manifestação da aceitação da derrota humana, a inutilidade da ação, o incompreensível silêncio de DEUS.

Mário Peixoto conta que a ideia de *Limite* surgiu em Paris quando viu a capa da revista de cinema VU com o rosto de uma mulher, de frente, olhando para a câmera e duas mãos masculinas algemadas em primeiro plano. Essa imagem o perturbou profundamente e naquela mesma noite, já no hotel, fez algumas anotações a respeito do impacto que aquela imagem lhe causara. Mário afirma que teve uma visão: uma mulher agarrada a um destroço e um mar em chamas. Anos mais tarde, quando surgiu o desejo de realizar um filme, Mário serviu-se da imagem da capa da revista, das anotações e daquela visão como geradores do tema e, posteriormente, do roteiro de *Limite*. Seriam essas imagens os detonadores poéticos de um filme que vai organizar-se, como forma cinematográfica, de modo extremamente original e orgânico e que irá compartilhar com o espectador a angústia da percepção da limitação essencial da existência humana. Olhado exclusivamente do ponto de vista do roteiro, a descrição de seu enredo soaria quase simplória. Saulo Pereira de Mello em seu pequeno, mas preciso e fundamental, livro sobre *Limite* assim resume o roteiro do filme:

Um barco, com três naufragos, perdido no oceano. Os naufragos estão abatidos, deixaram de remar e parecem conformados com o seu destino. Uma das mulheres dá um biscoito ao homem, que o come, desalentado. Ela, então,

conta a sua história: fugiu de uma prisão com a cumplicidade do carcereiro mas desprezou-o, fugiu novamente, mas não encontra a paz. Tenta trabalhar – costurar – mas a monotonia a esmaga. Vendo a notícia de sua fuga no jornal, parte novamente.

O homem reanima a outra moça caída no fundo do barco. Também ela conta a sua história: um casamento infeliz e desastroso com um pianista bêbado que toca em cinemas. A mulher sente-se presa, tolhida pela tirania dos laços do casamento; recorda o marido em toda a sua degradação. Desesperada, foge. No barco, a primeira mulher tenta remar – mãos e remos são inúteis. Os outros dois olham-se, vencidos e conformados. E o homem conta, então, ele também, a sua história. Viúvo, tem um caso de amor com uma mulher casada. Há alegria e há tristeza. Ao visitar o túmulo de sua mulher, encontra o marido da amante que lhe diz que ela é leprosa. Desespero, angústia, terror – e fuga. No barco a água para beber acaba. Um barril, visto de longe, pode ser a salvação. O homem pula n'água para ir buscá-lo, mas não reaparece à tona. Em desespero, a segunda mulher se atira à primeira, que a agride. Uma fica prostrada; a outra chora.

Desencadeia-se uma tempestade, uma longa tempestade que, quando acaba – o mar calmo outra vez –, não deixa mais do que a primeira mulher agarrada a um destroço (Saulo Pereira de Mello, 1996).

Assim lido e assim imaginado poderia o filme ser apenas um melodrama descabelado e vulgar, porém sua organização de imagens silenciosas, o rigor de sua construção, o requinte de sua forma fizeram de *Limite* um filme raro e original na cinematografia mundial.

Aquela imagem que levou Mário Peixoto à história do filme, a das mãos algemadas ante o olhar fixo de uma mulher, funciona como uma imagem síntese, ou uma imagem que provoca, deflagra todas as outras imagens-situações do filme. Saulo Pereira de Mello fala em “imagem elementar, originária – protéica – geratriz de todas as imagens do filme que serão metamorfoses dela, alegoria do tema”¹. Essa sequência está no início do filme, fora de sua diegese, e funciona como uma espécie de prólogo a partir do qual e através de uma organização não-narrativa, as imagens do filme decorrerão. Seu tema está claro e mais uma vez Saulo Pereira de Mello o define com aguda precisão.

A inconformidade e a perplexidade, o desespero e a angústia diante da súbita e trágica descoberta da essencial limitação da condição humana, da impotência diante da sede de infinito, sua tragédia e consequências: derrota, frustração, desespero, decadência, fuga e morte – subtemas de *Limite* (Saulo Pereira de Mello, 1996).

Presos ao barco, confinados, a linha do horizonte que a mulher 1, Olga, olha desafiadoramente no início do filme, é a marca da limitação. É a esse mundo em que sequer a ideia de Deus é cogitada que os personagens de *Limite* – na verdade não são personagens, pois os três são um, o humano, – permanecem atados, sem esperança, confrontados apenas com a permanente angústia da consciência de que o seu desejo de ser, de permanecer, de não perecer, se atira contra as paredes silenciosas da impossibilidade.

Presos ao barco e ao horizonte, quando um deles olha para o outro ele não olha para um Outro, olha para si. Esse outro não é o diverso, o diferente, aquele com quem se relaciona; aquele outro não é um Outro, é um espelho de si próprio. Por isso, no filme todas as ações são inúteis, todos os gestos são destinados ao fracasso, toda tentativa de aproximação ou de salvação é vã. Os braços estão sempre jogados, as mãos abandonadas, os olhares perdidos. Em nenhum momento do filme esse personagem – o humano – esboça qualquer tentativa de aproximação com Deus. Um gesto, um olhar para o céu, um olhar humano para o Outro. Confinados ao desespero, apenas aguardam o fim, a tempestade que afinal os consumirá. Durante todo o filme os personagens da mulher 2 e do homem, Tatiana e Raul, demonstram a sua desistência, sua entrega ao que o destino lhes reserva. Apenas Olga parece ter a intenção de lutar, de indagar, de provocar alguma resposta. Não sabemos o que ela pensa quando encara a linha do horizonte – ela está de costas para nós – mas seus gestos e atitudes parecem indicar a existência de alguma esperança. Após a tempestade ela é quem permanece agarrada a um destroço – ela buscou salvar-se – mas logo essa imagem se desfaz em um mar de luz.

A experiência de assistir *Limite* é a do compartilhamento da angústia com o que acontece na tela; é uma experiência única para o espectador que deixa de sê-lo e passa a ser um participante, um daqueles rostos, mãos inertes, movimentos falidos.

Miguel de Unamuno em *O sentimento trágico da vida* aponta e com agudeza algumas perguntas que o ser humano faz no decorrer de sua vida.

Donde venho eu, e donde vem o mundo em que vivo e do qual vivo. Para onde vou e para onde vai tudo aquilo que me rodeia? Que significa isto?

Quero saber disso tudo, porque não quero morrer inteiramente e quero saber se estou destinado a morrer ou não definitivamente. E se não morro, que será de mim? E se morro então tudo deixa de ter sentido. E três são as soluções; a) ou sei que morro de todo, e então é o desespero irremediável ou b) sei que não morro de todo, então é a resignação, ou, finalmente, c) não posso saber nem uma coisa nem outra, e então é a resignação no desespero, ou este naquela, uma resignação desesperada, ou um desespero resignado, e a luta. É a fome, não de Eternidade, mas de Duração, de não desintegração, fome de haver algo que não o Nada (Miguel de Unamuno, 1953).

É a essa fome que não mais inquieta a alma dos personagens do barco em *Limite*, esse desejo de “conhecer aquilo que o leve a viver, e a viver para sempre”², que Unamuno chama de base do sentimento trágico da vida, indagação da causa e da finalidade da existência e do esforço em persistir.

Há um momento no filme em que vemos o homem 1 em uma situação fora do barco, quando a vida dos três é mostrada, olhando para o céu, para um horizonte que não vemos, clamando por algo ou alguém. Atravessado por vertiginosos movimentos de câmera, os planos são dos mais belos e expressivos de toda a história do cinema. Raramente uma imagem exprimiu com tanta intensidade o desespero humano.

Miguel de Unamuno em seu livro *O sentimento trágico da vida*, cita o pregador inglês do século XIX, F. G. Robertson, que parece expressar a angústia de Raul, o homem de *Limite*.

Movemo-nos num mundo de mistério, e o mais profundo problema é o de sabermos qual é o ser que está sempre junto de nós, sentido às vezes, nunca visto – que nos obsessiou desde a infância com alguma coisa de sobre humanamente formosa, sem jamais se aclarar a nossos olhos –, que passa, por vezes pela nossa alma como deslocação, como o bater de asas do Anjo da Morte, deixando-nos aterrados e silenciosos em nossa solidão – que nos impressionou no ponto mais vivo de nosso ser, e a nossa carne estremeceu como na agonia, e os nossos afetos morais contraíram-se de dor –, que nos veio em aspirações de nobreza e concepções de excelência sobre-humana. Devemos chamar-lhe Ele ou Este? Quem é este? Quem é ele? Que são estes pressentimentos de imortalidade e de Deus? Serão simples ansiedades de meu coração, tomadas por alguma coisa fora de mim? Ou serão antes o som de meus próprios desejos, ressoando no vasto vazio do nada? Ou hei de chamar-lhes Deus, Pai, Espírito, Amor? Um ser vivo dentro ou fora de mim? Dize-me o teu nome, tu, terrível mistério do amor! Tal é a luta de toda a minha vida séria (Miguel de Unamuno, 1953).

Fechados ao Mistério, os personagens de *Limite*, desistiram de lutar, de procurar, de viver. A morte antevista no início do filme é a solução de suas angústias. O mar não espelha o céu, mas as suas próprias imagens de melancolia. O silêncio é atordoante.

Paradoxalmente, é o silêncio de Deus que atíça a intensidade da busca de Unamuno por sua face.

Não é, pois, uma necessidade racional, mas uma angústia vital, que nos leva a crer em Deus. E crer em Deus é, antes de mais nada, e acima de tudo, importa repeti-lo, ter e sentir sede de Deus, sede de divindade, sentir a sua ausência e o seu vazio, querer que Deus exista (Miguel de Unamuno, 1953).

Postos em um universo infinito, esmagados pela consciência da própria finitude e pelo silêncio de um Deus que não buscaram, aguardamos no filme, com o filme e os personagens, o momento da libertação dessa prisão. E ela se dá ao final da grande panorâmica pelo arco do céu quando uma tempestade dissolve a tudo e a todos. Tempestade essa ritmicamente construída em torno de oito planos que se repetem por longo tempo, por ondas que explodem contra as pedras, que correm pelas areias, ao som de uma *Gymnopedie* de Eric Satie.

Fechados ao mistério desistem em desvelar a natureza essencialmente limitada da condição humana. Para eles não há Deus, não há esperança, estão condenados desde o nascimento. Há uma inelutável tragédia cósmica.

A visão do filme e o compartilhamento com sua angústia, com a rara e magnífica construção de suas imagens, leva o espectador à percepção de que junto com o mar e a tempestade também finda um certo modo de fazer cinema, um modo narrativo poético também se fecha e se dissolve com aqueles personagens. Ver *Limite* é também ter a consciência de que aquele tipo de cinema se perdeu, é imaginar o que poderia ter sido a evolução de um cinema que se expressasse segundo tais modos poéticos, é pensar aonde poderia chegar aquela maneira insólita de elaboração e montagem de imagens que termina, historicamente, com a chegada do sonoro e a predominância do modo narrativo causal.

Mário Peixoto tinha 22 anos quando realizou *Limite*. Nunca mais fez outro filme. Isolado em uma ilha na baía de Angra dos Reis, escreveu romances, poesias, algum teatro. A dedicação de Saulo Pereira de Mello salvou *Limite* da destruição total e o cuidado de Valter Salles abrigou o arquivo de Mário Peixoto que vem sendo pacientemente organizado por Saulo.

Também confinado ao barco, ao espectador de *Limite* resta aceitar a inevitabilidade da tragédia cósmica anunciada e o silêncio de Deus ou, a partir desse mesmo silêncio ousar um mundo de esperança, buscá-lo a partir desse mesmo silêncio atordoante.

A experiência da vida é a experiência do Mistério, onde não há respostas nem certezas para tudo, onde há silêncio e há perigos, onde se navega pelas estrelas, olhando o céu, a si e ao Outro, singrando com nosso barco um mar que possa nos levar a uma existência diversa daquela do mundo sem Deus de *Limite*.

Ney Costa Santos
Professor da PUC-Rio

Notas

1. Pereira de Melo, Saulo. *Limite*, Rocco, p. 33.
2. Unamuno, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. Editora Educação Nacional, p. 50.

Referências bibliográficas e cinematográficas

Livros

PEREIRA de MELLO, Saulo. *Limite*. Rio de Janeiro:Rocco,1996.

UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. Porto: Editora Educação Nacional, 1953.

EVDOKIMOV, Paul. *O silêncio amoroso de Deus*. Aparecida: Editora Santuário, 2007.

Filme

PEIXOTO, Mário. *Limite*, longa metragem, P/B. Produção, roteiro, direção e montagem: Mário Peixoto; Fotografia e câmera Edgar Brazil. Assistente geral: Rui Costa; Elenco: Olga Brenno, Taciana Rei, Raul Schnoor, Brutus Pedreira, Mario Peixoto, Carmem Santos; Trilha musical organizada com discos comuns,78 rotações, por Brutus Pedreira, com peças de Satie, Debussy, Borodin, Ravel, Stravinski, César Frank e Prokofiev. Filmado em Mangaratiba (RJ), 1931.

Resumo

A tensão existencial de *Limite* vista na perspectiva de seu radical ateísmo, a beleza extrema de suas imagens e construção narrativa expressando um mundo sem a presença do Mistério.

Palavras-chave

Cinema; Religião; Filosofia.

Abstract

This essay discusses *Limite* – a rare and strange silent film, produced in 1931 – its anxiety expressing a world without God.

Keywords

Cinema; Religion; Philosophy.